


A POLÍTICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A GESTÃO ESCOLAR

POLITICS AND ITS IMPORTANCE FOR SCHOOL MANAGEMENT

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.050-009>

Flávio Roberto Chaddad

Mestre em Educação Escolar pela UNESP/Araraquara/SP. Atualmente é Pós-Graduando em Gestão Escolar pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR/São Carlos)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6946846312807716>

RESUMO

Este texto é um dos pré-requisitos para a aprovação na disciplina de Política e Sociedade do curso de Especialização de Gestão Escolar da Universidade Federal de São Carlos. Tem como objetivo trazer subsídios para se pensar a política como um campo de poder e de saber e como ela perpassa toda a sociedade, inclusive as instituições - como as escolas. Por outro lado, afirma-se aqui que só a gestão democrática do espaço escolar pode dirimir os instintos, as forças cósmicas e os poderes inerentes a essência de cada ser humano, contribuindo decisivamente para a gestão do espaço escolar.

Palavras-chave: Política; Sociedade; Poder; Gestão Pública; Gestão Escolar.

ABSTRACT

This text is one of the prerequisites for approval in the Politics and Society course of the School Management Specialization program at the Federal University of São Carlos. Its objective is to provide support for thinking about politics as a field of power and knowledge and how it permeates all of society, including institutions—such as schools. On the other hand, it is stated here that only the democratic management of the school environment can dispel instincts, cosmic forces, and the powers inherent to the essence of each human being, decisively contributing to the management of the school environment.

Keywords: Politics; Society; Power; Public Management; School Management.

1 INTRODUÇÃO

Todas as instituições públicas e privadas estão - de uma forma ou de outra - compelidas pela política. A política conforme Panosso (2021) afirmou não está apenas restrita a época das eleições, ou seja, aos períodos eleitorais, ela é o nosso dia-a-dia, interage de tal forma com o nosso cotidiano, que mesmo Aristóteles, na antiguidade clássica, já definia o homem um ser político – um animal político. Ela atravessa

a vida de todos, do pão nosso de cada dia a toda a estrutura pública montada para atender diariamente os brasileiros, como os serviços de saúde, segurança e educacionais que estão com orçamentos comprimidos em virtude de gastos governamentais, principalmente, com juros da dívida pública, além da corrupção institucionalizada no país.

Assim, a política não apenas se restringe ao ambiente eleitoral, mas vai mais além – diz respeito ao homem, a sua existência passa pela política. A escola, como uma instituição pública, não é diferente. Há um microcosmo de poder em seu interior, há jogos de poder no interior da escola. A liderança do gestor escolar não diz apenas as suas características interpessoais e intrapessoais, mas, sobretudo, como ele “gesta” este campo de disputa, estas forças cósmicas que desponta no interior da escola.

Assim, este texto tem por objetivo uma discussão em torno da questão “política” na sociedade, a partir da modernidade pela ótica de Maquiavel e dos contratualistas (Panosso, 2021), além de buscar subsídios em Foucault *apud* Chaddad (2023) para relacionar estes autores ao ambiente escolar.

Cada vez mais a escola, por diversas questões, vem se tornando um ambiente insalubre, o que vem comprometendo a saúde de todos em seu interior. As demandas são muitas e pouco é o apoio das esferas governamentais. Todos os problemas sociais que chegam à escola – recaem – sobre o espaço escolar e sobre o gestor escolar, que deve se anteceder aos fatos e se defender de tudo, se amparar, sobretudo, em documentos. Muitos problemas – em virtude do ritmo alucinante que é uma escola - passam despercebidos, os que aumentam a tensão e a ansiedade dos gestores escolares. Um dos grandes problemas de saúde dos diretores escolares na atualidade. Neste cenário, o gestor também tem que gerir o espaço escolar da melhor forma - “gerir poderes” - o que vai ao encontro da justificativa do tema.

2 O DEBATE ENTRE AS IDEIAS DE MAQUIAVEL, DOS CONTRATUALISTAS E DE MICHEL FOUCAULT SOBRE A POLÍTICA

Neste item se buscará um entendimento da visão política de Maquiavel e dos contratualistas (Panosso, 2021), bem como a de Michel Foucault *apud* Chaddad (2023) relacionando-a com a sociedade e com o ambiente escolar. Assim, em um primeiro momento, apresentar-se -à um esboço de suas ideias para em seguida debate-las em seus pontos convergentes (comuns) e divergentes.

2.1 MAQUIAVEL

Segundo Panosso (2021), Maquiavel fundamentou a criação de uma ciência política, uma forma de engenharia, técnica, para manter um Estado estável e em ordem. Ele é o pai da ciência política, pois buscava a verdade efetiva das coisas. Ele queria a verdade sobre a política. A Itália era subdividida em vários reinos, que viviam em conflitos entre si e com Estados estrangeiros. Para ele, a antiga “ideia de política” não daria conta desta situação. Neste sentido, ele rompe com o pensamento religioso sem voltar ao pensamento

clássico antigo. Até Maquiavel, a política se fundamentava no humanismo abstrato e descarnado de matéria concreta, pois os modelos dos governantes e da sociedade eram modelos ideais – sociedade e governos justos! Ele, por sua vez, busca na experiência, na empiria, pois em seu posicionamento o erro é produto do pensamento especulativo (Martins, 1996).

Assim, conforme Martins (1996), o objeto das reflexões de Maquiavel é a realidade concreta e o centro maior de seu interesse é o fenômeno do poder formalizado na instituição Estado. Ele concebe o fenômeno histórico como constituído por ciclos, que se renovam em movimentos de revolução em torno de si mesmos. Para ele, os fatos históricos é um material imprescindível para o entendimento do presente. Por isso, seu posicionamento não é uma abstração sistemática da prática. Pelo contrário, ele se apoia também na teoria, pois são *nos dizeres de como as coisas são que residem as possibilidades de mudanças das mesmas*. Sua psicologia conclui que os homens são egoístas e ambiciosos, só recuando da prática do mal quando coagidos pela força da lei. Os desejos e as paixões seriam todos os mesmos em todas as cidades e todos os povos (Martins, 1996).

A partir destes dois fatores: a importância do passado, da história, ou seja, do processo histórico e do entendimento do homem como um ser universal egoísta é que Maquiavel vai criar a ciência política, técnicas e procedimentos que estatuem cânones de uma arte de governo. Isolada a situação particular em suas múltiplas determinações e feita às previsões dos desdobramentos prováveis, a ciência do fenômeno político irá ceder lugar à arte de bem governar. Para Maquiavel o saber político triunfaria sobre a teoria da história e a ação humana não estaria condenada a seguir um curso determinado pelo destino. As personalidades decididas e empreendedoras interfeririam na história. Uma ideia para entender todo sistema de Maquiavel é compreender o significado do conceito *fortuna*. Para Maquiavel, ela é a chave da ação política e constitui a metade da vida que não pode ser governada pelo indivíduo. Ela proporciona a ocasião aproveitada pela virtú do governante. As outras metades reservadas ao arbítrio e a vontade humana teriam seu círculo de operações possíveis no espaço concreto de uma situação determinada. Ou seja, o governante poderia atuar no momento certo e dentro de determinadas condições alterando e interferindo no curso da história. Assim, conforme Martins (1996), para Maquiavel a história mostra como o talento de alguns heróis foi capaz de extrair das circunstâncias, isto é, dos momentos propícios fornecidos pela fortuna, uma orientação para a iniciativa, perseguindo-a implacavelmente.

2.2 OS CONTRATUALISTAS

Os contratualistas buscavam a legitimidade do Estado, qual a sua função e como o Estado surge. Segundo Panosso (2021), entre os seus representantes estão: Thomas Hobbes; John Locke e Jean – Jacques Rousseau.

2.2.1 Thomas Hobbes

Para Hobbes somente um Estado forte, O Estado Absoluto, o grande Leviatã, poderia dar conta da paz. Segundo afirma Panosso (2021), para Hobbes o homem é o lobo do homem, viveria motivado por suas paixões e a liberdade na qual vivia desde seu surgimento na face na Terra não seria compatível com a paz.

2.2.2 John Locke

Para Locke o homem desde seu surgimento viveria livre, em um total estado de liberdade, que não deveria ser tolhida, ou seja, esmagada por qualquer pessoa e/ou instituição. Assim, a principal função do Estado seria a proteção da propriedade individual ou privada – nasce com Locke o Estado Liberal (Panosso, 2021).

2.2.3 Jean-Jacques Rousseau

Para Rousseau o homem em estado natural era virtuoso, assim somente um estado que fosse capaz de resgatar as virtudes do ser humano e que colocasse acima de qualquer coisa a soberania do povo é o Estado que deveria ser implantado, através do contrato social. O Estado Democrático (Panosso, 2021).

2.3 MICHEL FOUCAULT

Conforme Chaddad (2023, p.340), para Foucault a política irá sofrer determinadamente as influências do poder. Ele, o poder, não tem um ponto fixo de onde emana - ele é polimórfico - parte tanto do Estado como da sociedade. O poder se fundamenta nas práticas discursivas que vão influenciar – como já afirmado – os rumos da política e da sociedade. Estas práticas discursivas carregam consigo uma vontade de verdade que permite em si mesmas, escolhas e exclusões: **interdições**. Porque antes delas, sobretudo, estão os interesses, as paixões humanas nas ideias de Maquiavel e de Hobbes. Relacionando-se, portanto, intrinsecamente com o poder. Corroborando com estas ideias iniciais, para Foucault (2011, p.8) as práticas discursivas:

Caracterizam-se pelo recorte de um campo de objetos, pela definição de uma perspectiva legítima para o sujeito do conhecimento, pela fixação de normas para a elaboração dos conceitos e das teorias. Cada uma delas, supõe, portanto, um jogo de prescrições que regem exclusões e escolhas. As práticas discursivas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Elas tomam corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm (Foucault, 2011, p.8)

Pode se dizer, de antemão, que as práticas discursivas que fundamentam o jogo Vontade de Saber e Vontade de Poder não são puras e simplesmente modos de fabricação de discursos. Mais que isso, elas carregam consigo o interesse, as paixões, as forças cósmicas que regem as ações dos seres humanos, os

seus instintos. Assim, o interesse sempre se adianta à objetividade, ao coletivo. Para Foucault *apud* Chaddad (2023, p.342): *Elas tomam corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm* (Foucault *Apud* Chaddad, 2023, p.342). Portanto, elas perpassam como um rizoma toda a sociedade e sofrem modificações; elas estão ligadas a todo um aparato técnico, nas instituições - como as escolas, as instituições penais, os hospitais psiquiátricos, por exemplo - que as mantêm e as impõem. As suas transformações podem ocorrer de três formas, conforme Michel Foucault (2011, p.9): 1) Fora delas (nas formas de produção, nas relações sociais, nas instituições políticas); 2) Nelas (nas técnicas de determinação dos objetos, no afinamento e no ajustamento dos conceitos, na acumulação da informação); 3) Ao lado delas (em outras práticas discursivas) (Foucault *Apud* Chaddad, 2023, p.342).

Esta Vontade de Saber e de Poder se fundamentam nas práticas discursivas e todas as suas transformações e construções estão relacionadas aos diferentes períodos da história. É necessário aqui - mais uma vez - salientar que o Poder é polimórfico e anônimo, ele percorre toda a sociedade como um rizoma. Não tem uma direção, ou seja, não segue uma hierarquia, apenas se exerce e relaciona diretamente a Vontade de Saber, que se produz através e por meio das práticas discursivas. Conforme Foucault *apud* Chaddad (2023, p.342), as práticas discursivas estão inscritas em um conjunto de funções precisas em relação àquilo que as determina, produzindo escolhas e exclusões. Estes princípios de escolhas e exclusões, que toma corpo nas práticas discursivas, não se ligam a um sujeito histórico e transcendental que as funda, mas a uma Vontade de Saber - sempre anônima e polimorfa. Ela está sempre suscetível às transformações regulares. Esta Vontade de Saber se relaciona, sobretudo, ao poder, e vice-versa, que se produz através das práticas discursivas e de suas transformações (Foucault *Apud* Chaddad, 2023, p.342). Conforme Foucault *apud* Chaddad (2023, p. 342), a história da filosofia fornece modelos teóricos dessa Vontade de Saber cuja análise permite demarcar o terreno por onde ela se constitui.

Nietzsche *apud* Chaddad (2023) ainda no século XIX, já havia afirmado em seus textos, que nenhum conhecimento e nem a política são livres dos interesses. Como já afirmara Maquiavel e Hobbes. O conhecimento e a política estão relacionados ao jogo Vontade de Saber e Vontade de Poder, pois são fundamentados nas forças cósmicas que regem os instintos humanos – que mais à frente Schopenhauer chamará de *Vontade* e Freud de *Id*. Ou seja, estão diretamente relacionados com o interesse. Portanto, o poder é inerente as instituições, como Foucault afirmou. Percorre como um rizoma a sociedade, não tem uma centralidade de onde ele emana, ele parte de todos os lados, ele é, sobretudo, polimórfico. Após estas considerações importantes, em que fica evidente a questão do interesse na produção das práticas discursivas e a sua influência na política e na sociedade podemos então encontrar divergências e convergências a respeito de como estes autores citados pensam o homem e a política e suas implicações para a gestão escolar.

2.4 O DEBATE

De antemão, podemos afirmar que Maquiavel, Hobbes e Foucault pensam o **homem** como um ser movido por suas paixões, instintos e interesses. Maquiavel e Foucault buscam uma análise da história, sendo que Foucault - influenciado por Nietzsche - fundamenta o poder em práticas discursivas históricas. Maquiavel e Hobbes escrevem para governantes, o que se diferencia de Foucault que tem em vista a construção de uma sociedade mais racional e igualitária. Ele denuncia o Estado Moderno e Contemporâneo que para ele se baseia em uma lógica centralizada e hierárquica. Ele afirma que o poder não é uma entidade que se possa exercer ou possuir de forma unilateral ou unidimensional, mas que se deve estabelecer de forma relacional entre os indivíduos em determinados contextos históricos, o que aproxima em muito da gestão democrática do espaço escolar. Maquiavel apenas quer comparar o passado ao presente e dele retirar lições imprescindíveis às ações dos governantes. Isso também é importante para o gestor escolar, principalmente, a valorização de sua prática, pois muitas vezes as situações se repetem com variados graus de dificuldade. A empiria e a experiência prática com o conhecimento, como Maquiavel propõe, ajudam e muito o diretor de escola tomar as decisões no espaço escolar. Assim, para Maquiavel, o olhar para o passado, permite ao governante e o gestor escolar mirar e escolher as melhores possibilidades de ação.

Locke, como empirista, pensa o ser humano como uma tábula rasa, sendo que a vivência e a educação o constituem. Ou seja, as paixões, os interesses, etc, propostos por Maquiavel, Hobbes e Foucault, aqui em Locke não encontram respaldo. Para ele, o Estado deve resguardar o direito primordial do ser humano, que é o direito à propriedade. Rousseau, por sua vez, propõe um Estado que busque valorizar a virtude ancestral, então perdida pela humanidade com o processo histórico. Ele quer que o homem seja ao mesmo tempo súdito e soberano, influenciou e muito a Revolução Francesa.

Para mim, como **Gestor Escolar**, todos eles são clássicos que podem fundamentar e amparar a gestão de um diretor frente a uma escola. Acredito que o homem é ser movido por paixões, por instintos, por interesses. Quanto menos conhecimento o ser humano tiver do homem e do mundo, mais seus instintos vão gritar pelo seu ser. Retomando o mito de Perseu é necessário sempre olhar pelo escudo da razão, só ele pode promover uma melhora significativa na humanidade e este escudo, a razão, só é conseguido, sobretudo, com a filosofia. Nietzsche em seu texto **O livro do Filósofo** afirmava que cabia a Filosofia dizer até onde a ciência e a técnica deviam caminhar – uma das referências da Dialética do Esclarecimento. Estes interesses fundamentam o poder nas instituições, como, por exemplo, a escola. Trabalhei em várias escolas como Gestor Escolar e vejo como os grupos se constituem e como são realizadas as trocas, como são estabelecidas as relações no ambiente escolar.

Por exemplo, uma escola que pretende enfatizar o poder em um diretor – o absolutismo de Hobbes - não funcionará, ainda mais no meu caso que dependo das pessoas – de todos no ambiente escolar – pois, sou diretor de quatro escolas. Mas a questão das paixões, dos interesses e dos instintos devem ser levados

a sério. A partir destas questões centrais, vejo como é importante a gestão democrática para que o poder – os focos de poder - sejam diluídos e se estabeleça de forma relacional entre os indivíduos, todos propondo e dando suas contribuições, conforme afirmam Foucault e também Rousseau que pretendem o Estado Democrático. A gestão democrática não pode prescindir dos clássicos e nem das experiências, da prática dos gestores, do olhar do gestor para o espaço escolar mirando as possíveis intervenções no ambiente para mudanças no curso da história, como propõe Maquiavel, mas deve se amparar, sobretudo, na divisão do poder, deve se amparar no poder como algo relacional – com o outro – onde todos possam ter voz, onde todos possam apontar caminhos, decidindo, juntos, qual o melhor norte a ser percorrido pela escola, pois estas são as questões centrais e fundamentais que mantêm a escola executando seu trabalho pedagógico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a política e a sociedade e como ela está tão próxima de nosso ambiente de trabalho, requer, sobretudo, de cada Gestor Escolar, a experiência prática e o amparo nos clássicos, pois eles vão nos fundamentar nas tomadas de decisões e em nossa tipologia de gestão. Sou diretor de quatro escolas e de forma alguma posso prescindir de fomentar uma gestão democrática escolar, tanto para dirimir os focos de poder que se constituem nas relações diárias entre os indivíduos, ou porque não estou presente todos os dias nas mesmas escolas. Por isso, adoto o que Jean Jaques Rousseau e Michel Foucault propõem: a gestão democrática no espaço escolar.

Com isso, todos passam assumir responsabilidades sobre a gestão escolar, apontando caminhos e tomando decisões. O poder aí se exerce de forma relacional e positiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHADDAD, FR. Alguns apontamentos sobre as sanções penais na história. In: ZOGAHIB, ALN. **Segurança pública, cidadania e direitos humanos: pesquisas, relatos e reflexões**. Ponta Grossa: Aya Editora, 2023.

MARTINS, CE. **Maquiavel: vida e obra**. São Paulo; Nova Cultural, 1996.

PANOSSO, CE. **Política e sociedade**. Brasília: PNAP; Recife: UPE / NEAD, 2021.